



## Breve análise das relações culturais e cotidianas no ambiente do Parque Sólon de Lucena (Lagoa) <sup>1</sup>

- Marcella Gomes Vilhena – estudante de Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba.
- Camila Honorato Neiva – estudante da Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba e estudante da Graduação do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Iesp. <sup>2</sup>

### Resumo

A humanidade é constituída de características biológicas individuais e interações sociais construídas ao longo do tempo. Estas construções, por sua vez, abrangem certo grau de relacionamento, chegando a estabelecer as condições tanto sociais quanto econômicas dos determinados grupos populacionais. Dentro deste contexto, o espaço urbano do Parque Sólon de Lucena ou Lagoa – como é popularmente conhecido – encaixa-se como ponto de encontro dos mais diversos grupos e também, como ambiente de concentração das mais diversas relações sociais e culturais estabelecidas cotidianamente.

**Palavras-chave:** sociedade; espaço; geografia; cultura; cotidiano;

Antes de analisarmos as relações pré-estabelecidas cultural e socialmente existentes em um determinado lugar, é necessário que delimitemos o espaço a ser estudado. Para tanto, faz-se obrigatória, a conceituação do espaço geográfico.

Tomando como base, a conceituação de Milton Santos (1997), na qual espaço geográfico constitui “um sistema de objetos e um sistema de ações”, podemos entender que é considerado assim, todo lugar que produza significados, não obrigatoriamente coletivos, mas também individuais.

Apontada a base que utilizaremos para definir espaço geográfico, passemos agora a analisar especificamente o ambiente do Parque Sólon de Lucena e as relações nele estabelecidas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Cultura, Espaço e Cidadania, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Marcella Gomes Vilhena: estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – pela Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência profissional na área de jornalismo televisivo e institucional. Participou como pesquisadora do grupo de estudos GRUPECJ, atuando na linha de jornalismo e cotidiano.  
[marcellag\\_vilhena@hotmail.com](mailto:marcellag_vilhena@hotmail.com)

Camila Honorato Neiva: estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – pela Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência profissional na área de assessoria de imprensa e jornalismo institucional. Estudante de graduação do curso de Publicidade e Propaganda pela Faculdade Iesp.  
[camilahonorato@hotmail.com](mailto:camilahonorato@hotmail.com)



Tido como um dos cartões-postais da cidade de João Pessoa, o espaço é ponto de passagem da maioria dos cidadãos, como também, é um dos lugares de maior concentração de trabalhadores formais e informais.

Conhecido até o início do século XX como Lagoa dos Irerês, era cercado de chácaras e sítios, sendo oficialmente inaugurado como parque urbanizado no ano de 1939. Tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba, o Parque é responsável por considerável parte da movimentação econômica da cidade. Localizado atualmente entre escritórios advocatícios, bancos, lojas, repartições públicas e comércio informal, estima-se que cerca de 90 mil pessoas circulem diariamente pelo local. Inseridos nessa perspectiva e nesse cenário, buscaremos analisar as relações sócio-culturais estabelecidas na cotidianidade desse espaço geográfico.

Para tanto, ao falar das relações culturais devemos citar Antônio Augusto Arantes, que define a cultura popular como sendo o resultado da concentração de objetos simbólicos em um determinado meio cultural.

Em um dado meio cultural, eles (objetos) possuem significação simbólica, ou seja, eles carregam fragmentos de um código com o qual se constroem afirmações metafóricas a respeito das relações sociais vigentes. (ARANTES, 1990, p.28)

Assim, podemos entender as relações estabelecidas no Parque Sólton de Lucena como a representação do real. Ou seja, o que de fato ocorre no lugar, como o comércio informal, a passagem e parada de veículos, pedestres e ônibus, incluindo as relações sociais vivenciadas no ambiente da Lagoa, são o resultado de uma cultura já pré-estabelecida pela sociedade da cidade de João Pessoa.

Porém, os elementos culturais nada significam se analisados individualmente, daí a necessidade de incorporá-los ao estudo do cotidiano. “O significado é função do contexto de ocorrência” (Arantes, 1990) e, nesse caso, a ocorrência é a cotidianidade existente no espaço do Parque.

E, cotidiano é tudo aquilo que faz parte da vida, que está ao redor dos indivíduos e inserido nas relações sociais. Todo homem já nasce pertencente à vida cotidiana, que “é a verdadeira essência da substância social” (HELLER, 2008). O que em outras palavras significa que “o indivíduo, sendo este ao mesmo tempo, um ser particular e um ser genérico, em sentido natural, não o distingue de nenhum outro ser vivo” (HELLER, 2008).



Sob esta perspectiva, podemos afirmar que a análise do espaço urbano é uma busca por justificativas para as expectativas humanas, estabelecidas dentre as relações espaciais. Fator que resulta na abordagem de um mesmo lugar analisado através dos mais diversos aspectos. Escolhermos apenas um ponto a ser estudado, implica voltarmos a uma única relação envolvendo espaço e sociedade e analisarmos o desempenho destas relações inseridos em apenas um aspecto do ambiente correspondente.

Atualmente a Lagoa passa por um processo de restauração urbana e aquática, que visa remodelar a paisagem do local. E, analisando a reforma através do ponto de vista arquitetônico, citamos os estudos de Jacobs (1961), que já registrava em seus trabalhos os atributos morfológicos incentivadores ou restritivos da presença populacional em um dado espaço, gerando ou não interação social. Para ele, as razões pelas quais alguns espaços podem ser o centro das relações sócio-culturais enquanto outros permanecem desertificados por toda sua existência, são configurativas. Ou seja, a permeabilidade das barreiras sociais e o encaminhamento populacional para determinado tipo de interação cotidiana, é entendida como co-presença.

“A identidade cultural dos lugares significa sua possibilidade de expressar costumes, tradições e valores, evocando certos grupos sociais ou povos. Essa associação pode ser observada a partir da capacidade simbólica dos lugares (...)” (KOHLSDORF, 2003, p.2)

Mas, se olharmos pela ótica de Lynch (1960), veremos que a identidade cultural de um lugar, ou até mesmo de um povo, pode ser entendida a partir da potencialidade afetiva do espaço. Dentro das duas perspectivas, o que fica evidente são as características morfológicas de construção do ambiente.

Partindo então, para a análise específica a qual o presente artigo se destina, podemos afirmar que o Parque Sólon de Lucena é a semelhança perfeita dessas teorias. Rodeado de palmeiras imperiais, o Parque já serviu de inspiração para poetas e cancioneiros e hoje empresta seu espaço ao desenrolar das mais diversas atividades cotidianas.

O Parque tem também um apelo político muito forte. Sendo o ponto mais central da cidade de João Pessoa, serve de palco para manifestações populares, comícios e atividades sociais desenvolvidas por entidades privadas e públicas. Da mesma forma já foi palco de disputas territoriais. Em uma de suas reformas foram retiradas quase todas



as barracas de comércio informal das calçadas que cercam a Lagoa, gerando revolta e luta armada entre população e agentes municipais.

Apontado esse cenário, podemos perceber que o desempenho dos lugares quanto à sua identidade cultural “implica considerar sujeitos situados no interior do espaço, cujas condições de apreensão obedecem às leis de percepção: o movimento do observador, a seleção e a transformação de informações” (KOHLSDORF, 2003).

A vida na cidade é tecida através de um emaranhado de processos subjetivos, que disseminam as possibilidades identitárias e podem chegar a confundir social, psico e espacialmente os indivíduos. E na mesma medida em que essa confusão de identidades pode surgir, uma necessidade extrema de encontro com os iguais e de coletivização da vida surgem divididos em dois aspectos: o primeiro é a fragmentação das possibilidades de constituição da vida coletiva e o segundo é a precisão de agregar-se a alguma forma de identitária existente na cidade.

O espaço delimitado é que determina a materialização, objetivação ou visibilidade organizacional atribuídas a determinados grupos sociais nas mais diversas escalas. Para Raffestin (1993), o território físico é o ambiente onde as relações de poder são estabelecidas. Ou seja, o espaço territorial serve como base para as ações dos atores sociais, que se apropriam do território e produzem nele ações objetivadas no espaço.

No caso do Parque Sólon de Lucena, essa teoria se aplica quando observamos as relações formais e informais estabelecidas naquele ambiente. Os arredores do Parque funcionam como uma espécie de ponto de confluência de ações e emoções. Desde casais de namorados a advogados e juízes a caminho dos tribunais, o ambiente da Lagoa é o retrato do cotidiano pessoense. São cerca de três mil carros circulando diariamente e quase todas as linhas de transporte público parando obrigatoriamente no local, nas mais de dez paradas de ônibus existentes na localidade.

Esse retrato descrito acima, é para Arantes a verdadeira exemplificação do significado da cultura, do que é popular e cotidiano, pois para o autor quando se fala em vida social inegavelmente a cultura está associada.

Em se tratando de vida social, a cultura (significação) está em toda parte. Todas as nossas ações seja na esfera do trabalho ou das relações sociais, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura”. (ARANTES, 1990, p.36)



Participar dessa cotidianidade para o ser humano é colocar em prática todos os aspectos de sua individualidade. Ou seja, fazer prevalecer os seus sentidos, habilidades, sentimentos, inteligência, idéias e etc. Pois, em grande parte o cotidiano é heterogêneo, porém nunca deixará de ser por inteiro hierárquico. E essa heterogeneidade tornará imprescindível a reprodução da vida social cotidiana e a rotina comum das relações hierárquicas.

Analisar a Lagoa como retrato da sociedade de João Pessoa é considerar que essas relações hierárquicas e cotidianas, sejam elas descritas como formas de expressão da cultura local ou não, estão de fato representadas naquele ambiente. Fator que rotineiramente pode ser apreciado por quem se dispõe a estudar o local.

### **Referências bibliográficas**

- ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano*. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2003.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: pequena história*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- SANTOS, Milton. *Espaço do Cidadão*. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 1993.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Pertença e uso do espaço público: um passeio através do Parque Sólton de Lucena*. Disponível em <[www.studium.iar.unicamp.br](http://www.studium.iar.unicamp.br)>. Acesso em: 11 fev 2009.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. *Espaço geográfico uno e múltiplo*. Disponível em <[www.ub.es](http://www.ub.es)>. Acesso em: 19 mar 2009.